

Preço avulso — 20 réis

# GRANDE FOLHA SEMANARIO

ILUSTRADO, LITTERARIO E THEATRAL

REDACTOR PRINCIPAL: Joaquim dos Anjos  
SECRETARIO DA REDACÇÃO: Hogan Teves

PROPRIETARIOS: — Hogan Teves, Henrique Pereira e João Costa

Redacção e Administração — Largo do Conde Barão, 50, 2.º

ASSIGNATURAS

LISBOA

Editor: THOMAS RODRIGUES MATIAS

LEBROA — Série de 15 números ..... 300 rs.  
FÓRA DE LISBOA — Série de 15 números ..... 400 rs.

18 de fevereiro de 1904

Composição e Impressão na Typographia d' A A EDITORA  
Largo do Conde Barão, 50

## Individualidades Artísticas

### Beatriz Rente

Uma actriz de merecimento real e que possui um physico de primeira ordem para a scena. Tem sobretudo uns olhos muito formosos que lhe animam o rosto nas situações dramaticas e de que ella sabe tirar grande resultado.

De Portalegre, onde nasceu, veiu para Lisboa, com quinze annos incompletos, e sua madrinha, a actriz Emilia Adelaide, obteve-lhe uma escriptura no theatro de D. Maria, na empreza José Carlos dos Santos e José Joaquim Pinto. Allí foi subindo a pouco e pouco, chegando a fazer papeis de valor, sob a direcção do grande mestre da arte dramatica.

Depois da cegueira do infortunado actor e das circumstancias deploraveis que o obrigaram a deixar o theatro de D. Maria, Beatriz accompanhou Santos para o Gymnasio e allí continuou desenvolvendo as suas aptidões, fazendo algumas ingenuas dramaticas em que se houve com muito discernimento.

No repertorio d'esse theatro tem ella uma longa folha de serviços, sempre desempenhando correctamente os seus papeis e conseguindo o agrado e a estima do publico. Ha tempos sahio do Gymnasio, onde tinha um dos primeiros logares, e foi deslocar-se para a Rua dos Condes; d'allí retirou-se depois para dar entrada no theatro de D. Maria, onde actualmente se encontra.

JOAQUIM DOS ANJOS.

## MISCELLANEA THEATRAL

XIV

É espinhosissimo e complicado o assumpto, que versamos nestes escriptos inspirados pelo mais ardente amor ao brilho do jornalista e pelo devotado

acatamento á grande instituição da Imprensa periodica, certos de que a esta impendo o indolencivel dever de esclarecer e orientar o publico, composto de milidades heterogeneas, desde o óvel dos leitores até ao desallumado, que, todavia, behem, por igual, nos órgãos daquelle forte poder, elementos de direcção artistica e litteraria.

O que, a largos traços, bosquejámos no artigo precedente confirma e reforça a amarcissima proposição formulada anteriormente, que envolve e implica uma arguição desprovidida de irritantes referencias pessoais e limpa da pequeninas preoccupações de ordem inferior.

Exprimimos vibrante desejo, traduzimos, nestas palestras, uma altissima aspiração: — Que a im-

Por não podermos numerar um Shakespeare, um Molière, um Schiller, um Ibsen, nunca esqueçamos que vivam a luz, esta luz que se e vivificante, no solo da patria. (31) Vicente, Antonio Pereira, Antonio José, Garrett, o divino Garrett, poeta de figuras soberanamente vivas e ideias, concepções perfectas humanadas em *Temo Pass*, do *Frei Luiz de Sousa* e na *Alda*, do *Alfageme*. . . não citando tantos e tantos autores para só, como num vôo de ostentadora celeridade, repararmos exclusivamente pelos aureolados eumes, alterosos marcos miliares do Arto.

E de actores não retiveremos o já asseverado: Ha-os, uma boa meia dúzia, que não succumbiram no torção em que se torçeram as armas de Ifland de Irving, de Talma, de Salvini.

Se os homens que, pela sua illustração geral e vigorosa paixão do theatro, o estudassem fructuosamente, e depois de bem apercebidos de cabedal tecnico, acalentados pela intuição critica, se colligassem nesta emruada (menos cruenta do que as do Oriente na quadra medieval), para buscarem do que se faz e como se devéra operar após apuramento de erros remediaveis e consequente propagação de boa doutrina da sciencia de eriar vida alheia com a propria, consoute synthetisamos assim a intellectual e psychological arte dramatica, se a sciencia critica se encostasse ás inabslaveis columnas dos mestres, oh! então veriamos alguns dos que, dotados de talento e aptidões para o exercicio do engro, revelam para elle qualidades prestadas — fecundaram estas e volverem-se excellentes julgadores! . . .

Não se prescram, porém, os areanos da arte, não se assimilam as noções imprescindiveis para critico theatral, de modo que raro, rarissimo, o artista recebe daquelles que o avaliam a prolifica lição, que se lhe devia proporcionar, o que para ambos seria um bem inestimavel.

O interprete emendava-se, polia-se, progredia; o censor cobria-se de prestigiosa autoridade, sem a qual é impio, inme o juizo critico desamparado dos esteios, que tem nome de — *sciencia e consciencia*.

E' mui penoso, é, o mais possivel, a aquisição de conhecimentos tão variados e copiosos, mas todos elles ministram luz ao critico e são instrumentos para acurada analyse das peças e da correlativa execução.

A historia, a geographia, a ethnographia, a psychologia, a physiologia, maiormente a das paixões, a declamação são auxiliares absolutamente necessarios.

Quando em 1874 rasgámos o caminho escrevendo a primeira critica orientada, a dos *Lasaristas*, de quanto drossas disciplinas nos utilizámos, e mais da arte de dizer, que aprendemos com o maior professor, o onivente Duarte de Sá, que naquello anno nos honrou, sentando-nos no Conservatorio a seu lado, no jury, para examinarmos discipulas sobre materias que elle compilára em um methodo, que nos legou depois em testamento, e que nunca



BEATRIZ RENTE

prensa trate a serio do *traximo*, levantando-o ao apogeu que lhe mereçam as gloriosas tradições e fastos dos povos antigos e a intensa vida, que elle ao presente disfructa, e de que affirma a radiante belleza e incontestada utilidade nas nações requintadamente cultas.

Não é mister demorada leitura do evolutivo movimento dramatico, refulgente e encantador na França, na Alemanha, na Inglaterra, na Italia, nos Estados Unidos, para nos sentirmos arrastados a sublimos para nós, portuguezes, que temos paginas palpitantes de grandza na historia da scena, um quilibro, se não farto, honroso asper na repartição das riquezas de arte theatral profusamente derramadas por esse mundo.

chegon, por causas particulares, a ser publicada!.....

As noções praticas do metter em scena, é preciosissimo que o critico as conheça experimentando-as, ou assistindo, com infinito observação, a ensaios dirigidos por homens peritos no seu officio.

Saber como estudar systematicamente um papel, desde que elle é distribuido até ao ultimo ensaio, é um effizaz exercicio mental de extrema delicadeza para o critico, mas para o qual, á força de methodo e de reflexão, o artista praticamente consegue presteza relativa, maior ou menor, conforme a posuicia, ecepção e maxima doiv da individualidade do personagem se lhe tornam mais ou menos custosas de obter integralmente no palco.

Alfredo Oscar May.



Luíndia Simões escriptora

Esta insigne artista, que é, e será por muito tempo, insubstituivel no theatro portuguez, não se contentou com a maxima doiv do paleo e com as admirações que o seu donaire de mulher inspirava; tambem fez a consideração n'a escriptura.

Isto é ignorado entre nós, porque em Portugal só tem sido publicadas algumas opiniões de Luíndia a respeito de arte dramatica; e d'ahi, embora casas criticas sejam muito sensatas e espirituosas, não lhe resultam fóras litterarias. Onde, porém, se lhe pode e deve firmar a categoria de escriptora é em umas interessantes cartas de viagem pela Europa, dadas á estampa n'um jornal brasileiro, o *Diario Mercantil*, de S. Paulo, no anno de 1886. Que a grande actriz nos perdê a revelação!

Ahi ha bollezas de sentimento e primores de escripta — como o leitor vai vêr:

«Loreto, 30 de novembro. — Meu bom amigo. O prometido é devido. Prometti communicar-lhe as minhas impressões da Italia; começo hoje. Mas que lhe direi? Que me parece estar vivendo n'um paiz de sonhos? E' dizer pouco, em meio de tão surpreendente realidade!»

A Italia tem correspondido a tudo quanto eu esperava, mas o que me deixou absorva, subjugada, foi Venezia. E' a mais singular, a mais caracteristica das cidades italianas. Encanta e deslumbra. A divina George Sand e o divino Musset não podiam encontrar na terra outro céu como este para os seus amores.

Ha, sobretudo, um não sei qué de oriental, de extranho, nos seus antigos esplendores, nas ruas-nhas estreitas e tortuosas, cheias de soberbos e immensos palacios, que me deixaram impressão para todo o resto da minha vida.

E o Grande-Canal, bordado de monumentos de varios estylos, predominando o ogival e o moresco! E a magestade da ponte de Rialto em um só arco!.....

O viajante anda por aqui boquiaberto. Diante do Palacio dos Doges e bem assim na praça de S. Marcos a estupefacção empolga-nos. A fachada da Basilica, onde avultam quatro enormes cavallos de bronze considerados como trabalho romano da epoca de Nero, produz uma impressão que nunca mais se apaga.

Do quindros possessa Venezia as maiores preciosidades — dos *Vecianos*, dos *Ferrareses*, dos *Tirollos*, dos dois *Palanus*, de *Salvini*, de *Sanovino*, de todos os grandes pintores.

Todas as artes tem aqui as suas manifestações mais opulentas.

Agradou-me tambem muito a velha Bolonha, com o seu *cachet* de antiguidade grandiosa.

As proprias construções modernas são magnificas.

Esta cidade possui, entre outras, uma inestimavel preciosidade artistica — o retrato da Virgem e de Jesus, pintado por S. Lucas. Não sei descrever-lhe a impressão que me causou.....

Escriptoras ha que affirmam não serem authenticos esses retratos. E' possível, não discuto, não tenho competencia para isso.

O que lhe garanto, meu bom amigo, é que o Christo devia ter aquella expressão doce, attraente, ideal, divina.

Hoje viemos a Loreto, pequena cidade situada n'uma collina d'onde ha esplendidos pontos de vista sobre o mar e sobre os Appenninos. A cidade que me trouxe cá foi a casa onde a Virgem habitou em Nazareth. Toda de tijolos e travos. Faz bom contemplar tanta humildade e pobreza no meio do esplendor do Santuario onde se acha a habitação da mãe de Jesus.

Amanhã vamos para Napoles e d'aqui a dez dias devemos estar em Roma.

Escrever-lhe-hei de lá, se a minha cabeça m'o permittir.

A Italia treslouou-me. Se ha paraíso no mundo, e paraíso é aqui. Estou reservando assumptos para futuras palestras. Caricias á sua filha. Adeus. Aperto-lhe affectuosamente as mãos. — *Luíndia Fortado Coelho.*»

Confessamo-nos reconhecidos ao nosso amigo e collaborador que nos proporcionou este ensaio de render mais uma homenagem a Luíndia Simões.

## Primeiras representações

### Theatro de D. Maria II

*Canallaria tigeira*, comedia em tres actos e nove quadros de G. Courtellin, arreglo do sr. Camara Lima

O que com este titulo se representou pela primeira vez na ultima sexta feira, n'este theatro, nem ao menos pôde ser classificado de revista, porque para ter as honras de tal classificação lhe faltam factores essenciaes que venham dar vida e animar aquelles nove quadros que nominalmente, como vistas de cinematographo, se desenrolam perante o espectador sem lhe offorecer o menor interesse.

Chega a parecer impossivel e a não se comprehender, a falta de criterio que tem presidido ultimamente á escolha das peças que tem subido á scena ao theatro normal.

E' sempre com o maior pesar que nos vemos obrigados a dirigir estas censuras, mas a tarefa que voluntariamente assumimos não nos permite complacencias sobre qualquer assumpto que contribua para o completo aniquilamento do nosso theatro.

Dizemos o completo aniquilamento, porque o seu estado presente é dos mais lamentaveis, e o seu futuro não se nos affigura mais risoso.

Ainda assim, as coisas podiam mudar de face, se os bons actores que temos miusem os seus esforços, se os poderes publicos, que tanto alardeiam de civilisadores e progressistas, se dignassem olhar com um pouco de interesse para um estabelecimento que é justamente conceitudo escola e ensinamento do povo, se enfim todos aquelles que interferem directa ou indirectamente sobre aquelles theatras envidassem todas as suas boas diligencias para elevar o nosso theatro ao grau de perfeição que elle tem attingido em outros paizes. Mas infelizmente não se fez d'esta apstia.

Varias são as causas que concorrem para este deploravel estado, e a indicá-las minuciosamente teriamos que arguir individuos que em épocas remotas andaram por ali em guisa de missionarios a propagar a instante necessidade de attender acrimosamente ao futuro da arte dramatica, e depois os factos posteriores vieram demonstrar do modo cabal que tão hypocriticamente como os taes evangelisadores, elles só tinham em mira a satisficção dos seus interesses particulares, e que para conseguirem o seu intento não hesitavam em levar agarrados ás albas das suas conveniencias, a miseria da arte, o futuro dos actores, e a total destruição do theatro escola.

Enfim, vamo-nos resignando com a nossa sorte, e tomando o fio do assumpto do qual nos desviámos por meio de desalinhadas e talvez extemporaneas considerações, repetimos que nos causa pena vêr que actores que como Ferreira da Silva e Fernando Maia, este ultimo especialmente por ser o gerente, escolham para o seu theatro peças nas quaes só avulta a inverosimilhança das situações, o desarrazoado da acção, a completa incoerção dos caracteres, composições dramaticas

emfim que não tem um unico ponto de vista aceitavel, como a *Cavallaria ligeira*.

Para cumulo da infelicidade contribuiu não pouco a dynamisação operada n'esta peça pelo sr. Camara Lima, que não é um novato no theatro e que já tem dado exuberantes provas do seu talento, mas que d'esta vez, foi infeliz.

Ferreira da Silva teve scenas em que ostentou mais uma vez a sua valiosa intelligencia e as suas poderosas facultades.

Do desempenho dos outros papeis não nos é permitido extremar este o aquelle artista, enquanto conhecemos que todos elles diligenciaram agradar; mas na lucta entre a sua vontade e a imperfeição dos papeis, não podia deixar de succumbir aquella.

H. T.

### Theatro D. Amelia

O sub-prefeito de Chateau Buzard, comedia em tres actos de Gandillot, traducção do sr. Eduardo Garrido

O sub-prefeito do Chateau Buzard é o titulo da nova peça do carnaval que a empresa do D. Amelia fez representar pela primeira vez no sabbado 6, do corrente; são tres actos cheios de troça e scenas pirosas que fizeram rir a bom rir e é isto que o publico queria, attendendo á época que atravessamos; e publico frequentador d'aquella casa de espectaculos patenteou o seu agrado principalmente nos scenas capitais da peça, algumas das quaes engracadasissimas, como, por exemplo, a improvisada *seriê* em casa do sub-prefeito, onde, na sua ausencia se canta e dança o *cake walk*, sendo esta ultima parte bisada. No decorrer da peça notam-se tambem alguns ditos e trocadilhos de espirito, fabricados por Eduardo Garrido, o feliz traductor de quasi todas as peças de carnaval que tem sido representadas n'estes ultimos tempos n'aquella casa de espectaculos. Será lido ainda assaz dizeiros que temos achado mais graça ás peças das anteriores épocas, taes como *A lagartixa*, *Pouca Sorte*, *O outro eu*, etc.

No desempenho salientaram-se Augusto Rosa no criado do sub-prefeito, pela graça e naturalidade que imprimiu ao seu papel, e Lucilla Simões que, n'um papel simples para os seus dotes artisticos, nos apresentou uma actriz franceza, vestindo com a simplicidade e elegancia que lhe é habitual, segundo a personagem que tem de representar; estes dois artistas foram habilmente secundados pela actriz Josephina de Oliveira e pelos actores Henrique Alves, Christiano, Augusto Antunes, Gil, Chaby e Antonio Pinheiro.

\* \*

Para os quatro espectaculos das noites de carnaval, fez a empresa do D. Amelia pôr em scena um arreglo da zarzuela *Genero infimo*, intitulado **Genero . . gordo**, que teve por interpretes os nossos melhores actores.

O publico riu a bom rir, applaudindo phreneticamente todos os artistas, especialmente Chaby, que desempenhou o papel da *actriza* Lola Ramos, cantando com muita graça o *tonio dos lunares* e o *morango*.

Na zarzuela tomaram parte, falando todos em hespanhol, os seguintes artistas:

Brazão, Augusto Rosa, Christiano, Gil, Carlos de Oliveira, Alvaro Cabral, Joseph de Oliveira, Laura e Dolphina Cruz, Maria Falcão, Cecilia Neves, etc.

H. P.

### Theatro da Rua dos Condes

De portas a dentro . . . revista em tres actos, por Baptista Diniz

Esta casa de espectaculos tem por seu director tecnico superior o illustre e estimado autor dos *Campinos* e de portuguezissimas verações — Salvador Marques. E' uma solida garantia de boa gerencia litteraria.

Tres homens engenhosos, cada um na sua especialidade, trabalhadores, unificados pelo common pensamento gerador de produções em revista alegre, travessa, zombeteira, exhibiram no dia 6 do corrente, ante a massa compacta de gente egulando o exiguo e luxuosamente ornamentado theatro, o fructo de afanosas vigílias, de amargas contrariedades vencidas corajosamente, de teimo-

sa persistência em bem servir ao publico caprichoso uma obra deliciosa e viável.

E conseguiram-no.

A mordaz penna do popularissimo autor, a *batuta* do novel e talentoso maestro, a tesoura e a imaginação artisticamente norteada do *costumier* operaram harmonia e convergencia.

O effeito geral da satyra a costumes e a taras sociais, a instituições e personalidades, sem aboucanhamento depressivo e estultas morderias, traduz-se fóra da minima lisonja, excellentemente e podemos, em nossa consciencia, opinar pela approvação dum producto de factores tão varios na origem e na natureza.

Nos elementos constitutivos ha unidade, ha germinação.

O nosso parecer é synthetico, o mais possível. Este jornal é tão pequenino, que mais de um numero demandaria a analyse da *Revista*, e não é da indole do *Grande Elias*, dar proximos, aliás uteis, estudos criticos, que só poderiam caber em folha de enormes dimensões.

Os tres sympathicos páos do **Portas a dentro**, os tres empresarios que tanto pessoal alimentam, ou ajudam a sustentarem, explorando aquillo theatro, foram coadjuvados efficientemente pelos scenographos nos quaes se assignalaram louvavelmente os já laureados Pina e Luiz Salvador, os apreciados Valdez e Cesar Maximo e um moço pintor, filho do habilitissimo Eduardo Reis, que affigura-se nos seguir as pisadas do progenitor, e é mais um soldado para reforçar a corporação prestamos classes especialistas, que, em Portugal, obraro, sem incantamentos, milagres de habilidade esthetica, atenta a ausencia de escola e de modelos, em que superabundam a França, a Italia, a Alemanha, a Grã-Bretanha, em que ao scenographo se lhe deram, com extrema facilidade, exemplares e mestres de primeira plana ! ! . . .

Foi B. Diniz outrosim favorecido com adjutorio poderoso na execução do seu chistoso escripto, pela reappriação do estimabilissimo actor comico Marcelino Franco, no personagem, cuja individualidade elle, ha bastantes annos, criara, de — *Zé Povinho*.

Que naturalidade, que desopilante, sem palhaçadas, na physionomia, na dicção expressiva e no gesto ! ! . . .

Julio Guimarães acompanhou-o conscienciosamente num papel, o do nuctor, em que elle não podia, sem o falsear, ser acceitadamente comico. Disse-o certo, e individualizou-o com fidelidade.

Em figura mais ou menos allegorica, symbolica, phantastica, e humanas mereceu citação: Antonio Salvador, Rebocho, Augusto Martins, Maximo, Moreira, Christina Tapa, cantando bem e imitando, até á illusão, uma grande actriz em um trecho da *Morgadinho*, Isabel Costa, Julia Moniz, Ophelia Godinho, Julia Castello, Rita Machado, e pela primeira vez vimos Julia Sá, que se nos revelou com vocação theatral, e uma pequenita, cujo nome ignoramos, que dá mostras do grande viveza e intuito da scena. Outros e outros cooperaram activamente, e com discreção, na modesta órbita dos papellinhos.

Pascual Pereira compoz musica deveras lindissima, leve e bem orchestrada, ensaiando perfeitamente as partes e os côros. Os arsupicios são-lhe proprios.

Os fatos do Castello Branco são de gosto delictado tanto no cêrto como nas côres, cambiantes e estofos excellentes.

Dizem o grande e fascinante Chateaubriand: E' tempo de exercermos tambem a critica das bellezas.

A. O. MAY.



### As claqueas

Em Portugal, onde o genio inventivo é uma especie de contrabando, mas a imitação tão frequente e usurpadora dos direitos estrangeiros, que chega até ao ludibrio, raro apparecer um invento que tenha valor e originalidade nacional, e uma imitação que não seja incompleta ou, para melhor dizer, *mal-acabada*.

Se acaso, entre nós, apparecer um invento, uma moeda, um producto, emfim, uma idéa boa, de um portuguez que, orgulhoso das vantagens ou do va-

lor do seu trabalho, o expõe á consideração do publico, com o seu nome, oh desgraçado que tal fizeste! Chamam-lhe idiota, imitador, intruso e por fim dizem que o novo producto não presta por ser portuguez!

Infeliz d'aquelle que protende pelo seu trabalho honrado alientar-se, quando só ignorantes o cercam.

Tem até certo ponto justificação a phrase já tão popularizada — *é portuguez, não presta!* — O portuguez não é inventor, por ausencia de idéas, mas sim por falta de dedicação ao estudo e por mingua de subsidios que lhe permitam abandonar o ganha-pão, quando o talento, auxiliado pela instrução o embandam ao estudo ou á resolução de um problema difficil.

Já que não é provavel que Portugal seja no futuro o paiz da invenção, ao menos, que seja o da imitação, mas da imitação franca e perfeita que não deixa duvidas aos que são admiradores ou consumidores dos productos similares estrangeiros.

Parece que me afasto do assumpto que serve de epigraphe a este artigo, para tratar das invenções em Portugal; mas não; pretendo apenas justificar que em Portugal espera-se sempre um modelo, um figurino, ou uma idéa importada do estrangeiro, para se realisar uma empreza ou innovar qualquer costume.

Em assumptos theatraes ha muito a dizer, muito a estudar e muito mais ainda a inventar, porém, como só das *claqueas* desejo falar hoje, limito-me a censurar a existencia d'estas nos nossos theatros, pela forma por que se acham constituidas.

Quantos prejuizos não terão tido os empresarios dos theatros da nossa capital, resultando da incompetencia de uma classe que no estrangeiro se compõe de homens, se não instruidos e intelligentes, pelo menos educados para o fim a que se destinam; e que em Portugal só primam pela imbecillidade, ou se distinguem pela ignorancia do servico que desempenham!

Em Portugal não ha *claqueiras*, ha borlistas! O systema adoptado entre nós para a constituição das *claqueas* limita-se a contractar um homem, que muitas vezes não passa de um foia qualquer, fornecer-lhe vinte ou mais senhas de entrada e autoriza-lo a *engajar* vinte sujeitos todas as noites para applaudir a torto e a direito os numeros principaes de uma peça musical, as passagens mais levantadas de um drama, etc.; ou para patear um determinado artista que o empresario admittiu por compuhos, mas de crede desde que se livre.

Isto é o que se passa todas as noites nas *claqueas* dos theatros de Lisboa, com poucas excepções; agora as consequencias desastradas d'essas *claqueas* são muitas, e facil é prevê-las.

O publico frequentador de theatro, e que paga o seu lugar, conhece á legua essas *troupes* de borlistas avençados, que interrompem constantemente os espectaculos com deseabidos applausos, os quaes muitas vezes provocam a pateada d'aquelles.

Estas *troupes*, de que só fazem parte os que nada percebem de arte dramatica e que não recebem sensatas instrucções para bem proceder no seu mister, denunciam-se por completo ao publico, quando todo o seu valor reside no mais severo anonymato.

Quem não for habituado theatral, mas desejar saber quaes são os *claqueas* do theatro em que se encontra, basta dirigir os seus olhares para o sitio de onde irromperem os primeiros applausos e logo verificará que as ovações são só de um pequeno grupo.

E' d'esse grupo de homens que depende uma grande parte do exito de uma peça.

Os *claqueas* são firmas muito conhecidas no nosso acanhado meio theatral e, se não forem distribuidos pelas platéas por fórma que se confundam com o demais publico, de nada prestarão os seus servicos, e antes serão muito prejudiciaes para uma empreza.

Em tudo é necessaria a disciplina e desde que ella não exista nas *claqueas* dos theatros, os empresarios hão de experimentar funestos resultados.

Que os *claqueas* me não queiram mal por estas phrases que exprimem apenas a sinceridade com que costume expor as minhas idéas e que os em-

pezarios pousem na melhor fórma de organizar as *claqueas* procedendo como ao estrangeiro, e segundo a ordem do theatro.

Não apresento alvistos porque é praxe não se ensinar o Padre Nossos aos vigarios, mas faço votos para que esta enausa, filha de um observador carola pela arte dramatica, sirva no menos de lembrança para os interessados começarem a pensar no assumpto.

Quando eu veja que se começa a fazer alguma coisa de pratico prestarei, então, o meu humilde conselho o mais desinteressadamente possível, e procurarei que não ha peça, por peor que seja, que pelo menos não salve a despeza quando a imprensa e as *claqueas* bem organisadas se empenharem em conseguir o mesmo fim.

D. PENHENGELLAS.

### Bailes

Muito concorridos e animados os bailes publicos realisaes durante as noites de carnaval nos theatros de D. Maria II, D. Amelia, Trindade e Colyseu.

O D. Amelia teve em todas as noites uma concorrencia enorme, elegando a ser difficil transitar-se na sala. *Cela va sans dire* que houve as costumadas scenas de pugilato, felizmente sem consequências de maior, as quaes acudia sempre presuroso o sr. major Bias, que deixou de ser o terror da policia, por ser hoje considerado, pelo seu bom caracter e pelo fino tacto que emprega para exercer o seu officio, um anjo salvador que a multos tem livrado das garras dos escriptores da Boa Hora.

Em D. Maria, a concorrencia foi sempre menor que nos outros theatros, mas era de bello effeito a sua ornamentação talvez até a melhor das quo vimos.

Na Trindade a Colyseu, sempre a mesma coisa. Em nada variaram, quer em ornamentação, quer em animação, dos annos anteriores.

Que nos relevem as nossas prestantissimas collaboradoras a publicação dos artigos de ficção comica do passado numero.

Com o seu illustrado espirito, deserto comprehenderam que foi apenas um brinquedo inoffensivo.



### MOVIMENTO THEATRAL

A distribuição da peça de Alfred Capus, **A castella**, traduzida pelo sr. Aceacio de Paiva e que, conforme já dissemos, está em ensaio no theatro D. Amelia, é a seguinte:

*André Jussem*, Eduardo Brazão; *Gasão*, Augusto Rosa; *La Laudière*, Antonio Pinheiro; *Carlos Murray*, Henrique Alves; *O barão*, João Gil; *Lornio*, Alvaro Cabral; *Theresa*, Lucilla Simões; *A sr. La Baudrière*, Joseph de Oliveira; *Luciana*, Laura Cruz; *Clotilde*, Maria Falcão; *Governante*, Amelia O'Sullivand.

\* E com a *reprise* da empolgante peça de Dumas, **O pae prodigo** que brevemente realisa a sua festa artistica, no theatro de D. Maria II, o intelligente e estimado actor Ferreira da Silva.

\* O primeiro quadro da revista **Vilhina a saltar**, actualmente em ensaio no theatro Avenida, intitulada-se **O tribunal do Destino** e está assim distribuido:

*O Fellicieiro*, Setta da Silva; *A Fada*, Dolphina Victor; *A Sorte*, Gabriella Lucey; *O Ministerio Publico*, Elvira Rosa; *Advogada*, Laura Fernandes; *Racivido*, Stella; *1.ª Meirinha*, Sarah; *2.ª Meirinha*, Laura Ruth.

\* Intitula-se **Cinematographo** a comedia traduzida pelo sr. Aceacio de Paiva, que em breve subirá á scena no theatro do Gymnasio, em festa artistica do actor Julio Soller.

\* O ensaiador do theatro do Gymnasio, Leopoldo de Carvalho, escolheu para sua festa artistica a comedia **Noivo á força**, traduzida por elle proprio.

\* Já entrou em ensaio no theatro do Gymnasio a comedia burlesca em quatro actos, versão allemã do sr. Freitas Branco, intitulada **Gente para alugar** e que é destinada á festa artistica do applaudido actor Cardoso.

A sua distribuição é a seguinte:  
*Rodolpho Kruger, Cardoso; José Keller, Ignacio; Jorge Mauer, Alexandre Ferreira; Ernesto Muller, Aníbal Pinheiro; Henrique Muller, Sarmento; Fernando Sperling, Antonio de Souza; O conde Stieglitz, Carlos Leal; Aníbal Schulz, Salles; Paulina Kruger, Barbara Wolckart; Baronesa de Nariogoff, Izabel Borardi; Carolina, Carlota Fonseca; Augusta, Julia do Assumpção; Helena, Emilia Sarmento; Gertrudes, Marietta Mariz; Um criado, Almeida.*

\* O estimado actor Theodoro dos Santos realisa a sua festa artistica no proximo dia 29, no theatro de D. Maria II, com a comedia **Escola antiga**.

\* Está mareada para 27 do proximo mez de março, no theatro do Rato, a festa dos sympathicas e catifiosas atrizes, Carolina Santos e Elvira de Jesus.

Além da **Capital de Portugal**, em que as beneficiadas tem dois dos principais papeis, devem figurar no sorprendente programma, que estão organisando, os nomes de alguma dos nossos melhores artistas.

\* E! no dia 9 de março, que o estimado actor Roque realisa a sua festa no theatro do Principe Real, fazendo-se n'essa noite *reprie* da **Mulher demonio**, que ha bons annos deu successivas eufentes no Gymnasio.



Em quasi todos os clubs, nos quaes sempre mais ou menos nos temos referido n'esta secção, se realisaram durante os dias de carnaval recitas e bailes que corram sempre muito animados.

N'a impossibilidade de nos referirmos a cada um d'elles, porque a falta de espaço de tal nos impede, resta-nos agradecer a gentileza dos convites que tão amavelmente foram dirigidos a esta redacção, distincção esta que muito nos penhora.

## D'entre bastidores

No normal, da Lisboa amada, vi uma tal piteira, de uma comedia chamada *Cavallaria ligeira*, que me puz logo a pensar que tal seria a massada. Se á peça fossem chamar *Cavallaria pesada!*

Tvv.

## EXPEDIENTE

Por terem sido feriados na typographia os dias de carnaval, sae este numero do nosso jornal com um dia de atraso, pelo que pedimos desculpa aos nossos estimaveis assignantes e leitores.

Santos, Vieira & C.<sup>ta</sup>

### Romeu e Julieta

Todos conhecem estes dois nomes como sublimes modelos de amantes desditados. A historia d'esses amores celebres adha-se descripta no romance *Romeu e Julieta*, inspirado na tragedia de Shakespeare. Edição com gravuras. Cada fasciculo de seis, cada tomo 200 reis. Empresa Literaria Fluminense, Rua dos Heterozinhos, 125 — Lisboa.

### TABACARIA ESPERANÇA

ESTAMPILHAS, LETTRAS E PAPEL SELLADO  
 Depósito de tabacos nacionaes

— + + + —

**Azevedo & Azevedo**

2. Rua da Esperança, 8 — 1. Rua de S. Bento, 5

LISBOA

### J. SANTOS ROCHA

Rua do Arsenal, 98

Grande sortimento de bilhetes postaes illustrados. — Bilhetes para colleccões. — Tabacos nacionaes e estrangeiros. — Illustrações estrangeiras. — Assinatura permanente de figurinos para homens e mulheres.

## Lanternas

Para illuminação de estabelecimentos. — 25000 reis por mez, incluindo gaz, manga, lanterna e consola.

Pedidos á

SOCIÉTÉ ANONYME D'ECLAIRAGE INTENSIF

Rua de Cravizos, 116 — Lisboa.

## MALA DA EUROPA

JORNAL SEMANAL, ILUSTRADO, DE GRANDE FORMATO

Propriedade de JOÃO DE MELLO

Redacção e Administração: Largo do Conde Barão, 20 — Lisboa

A MALA DA EUROPA, que entrou no seu DECEMO anno de publicação, inserta em todas as semanas uma chronica, onde se dá conta dos acontecimentos politicos da semana, um dezeravido resumo da Lisboa e Porto, correspondencias de outras localidades de Portugal, de acção que hasta lei a para se ficar ao corrente de todas as principaes occorrenças.

A MALA DA EUROPA, com o titulo *La semaine portugaise*, publica tambem uma chronica em francez, destinada a informar os que desconfiarem a nossa lingua, dos principaes factos da sua patria.

A MALA DA EUROPA publica em cada numero grande profusão de gravuras, por vezes coloridas, reproduzindo os acontecimentos mais importantes da semana, retratos, vistas, etc., etc.

### "A EDITORA"

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Antiga Casa DAVID CORAZZI

Premiada em varias exposições

Grande variedade de obras illustradas e scientificas nacionaes e estrangeiras (Catalogo de 1903 — Gratia)

Grandes officinas a vapor

TRABALHOS TYPOGRAPHICOS E LITHOGRAPHICOS

em todos os generos

comprehendendo execucao ou composicao

de desenhos e legendas

Cartongens e encadernações

em percalinas, pelles ou tecidos de seda

Modelos communs de grande phantasia

PERFECTO ACABAMENTO — BOM GUSTO — PORTUALIDADE

Preços modicos em todos os trabalhos

LISBOA — Conde Barão Lisboa

Endereço telegraphico: TYPEDITORA

# Nestlé

## Farinha Lactea

FABRICA NACIONAL

de Tintas typo-lithographicas

CANDIDO AUGUSTO DA COSTA

DEPOSITO

Rua Ivens, 70 — LISBOA

FABRICA NACIONAL **PAPEIS PINTADOS**

de DIAN TEIXEIRA & C.<sup>a</sup>

Papeis pintados para forrar casas, papais malas, couches e lustro, etc., para Lithographia, Typographia, Photographia, Encadernação, Cartonnagens, etc.

Depositos para venda a retalho: José Navarro d'Aguiar & C.<sup>a</sup> (P.<sup>ta</sup>), 15, Avenida da Liberdade, 17; José Miguel dos Santos em C.<sup>a</sup>, 109, Rua Nova do Almada, 104.

DEPOSITO GERAL E ESCRITURIO

25. RUA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 27 — LISBOA

**MECO & IRMÃO**

DEPOSITO A

**PAPEIS DE IMPRESSÃO**

20, 21, 22, Largo da Abegaria, 23, 24, 25

LISBOA